



ENSINO DE FILOSOFIA:

a resignificação conceitual filosófica no contexto social do educando

Anne Caroline Freitas Vieira Aragão
Graduada em Licenciatura Plena em Filosofia pela
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

José Belizário Neto
Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-
Graduação em Filosofia da UNICAMP. Mestrado
em Filosofia pela Universidade Federal da Paraíba
(2006). Professor da Universidade Federal do
Amazonas (UFAM)

Reinaldo Oliveira Menezes
Doutorando em Educação pela Universidade Federal
do Amazonas. Graduando em Licenciatura em
Filosofia pela mesma instituição. Mestrado em
Educação (2020) e Especialista em Ensino de
Filosofia para o Ensino Médio (2019), ambas pela
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

RESUMO: O artigo tem o objetivo de discutir a Filosofia tendo como especificidade de criação de conceitos, partindo das ideias defendidas por Deleuze e Guattari na obra "O que é a Filosofia?", na qual afirmam que a Filosofia não deve ser pensada como um mero caminho para a reflexão, mas de criação. Tais conceitos criados pela Filosofia não são os conceitos cotidianamente entendidos, como resposta ou essência, mas como aquilo que proporciona o caminho para o entendimento da solução de um problema. O conceito é um ato do pensamento. O trabalho apresentando segue a pesquisa qualitativa e bibliográfica, para fins de compreender como a Filosofia atua no processo de resignificação na vida social do educando. O ensino de filosofia deve ser visto como um problema genuinamente filosófico, visto que há uma preocupação dos professores ao ensinar filosofia, devendo esse problema estar presente nas orientações didáticas relativas ao ensino de filosofia.

Palavras-chaves: Conceito; Ensino de Filosofia; Filosofia.

ABSTRACT: The article aims to discuss Philosophy with the specificity of concept creation, based on the ideas defended by Deleuze and Guattari in the work "What is Philosophy?", in which they state that Philosophy should not be thought of as a mere path to reflection, but of creation. Such concepts created by Philosophy are not the everyday concepts understood as an answer or essence, but as that which provides the path to understanding the solution of a problem. The concept is an act of thought. The work presented follows qualitative and

bibliographic research, in order to understand how Philosophy acts in the process of resignification in the social life of the student. The teaching of philosophy should be seen as a genuinely philosophical problem, since there is a concern of teachers when teaching philosophy, and this problem should be present in the didactic guidelines concerning the teaching of philosophy.

Keywords: Concept; Teaching Philosophy; Philosophy

Introdução

O ensino de filosofia na contemporaneidade é um assunto complexo tanto para os professores/as de filosofia que atuam na rede pública de ensino da educação básica, quanto para as instituições superiores de formação inicial de professores em filosofia. Pois, para Deleuze e Guattari (1992) e Silvio Gallo (2003, 2006, 2012) o ensinar filosofia, deve ir além da mera transmissão de pensamentos historicamente construídos e passados de geração em geração, de modo a promover o ensino do ato de filosofar.

Salientamos que, recentemente, as políticas públicas educacionais passaram por uma [contra] reforma em suas matrizes curriculares, especialmente a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDBEN) de 1996, que culminou na criação e aprovação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018. A Filosofia na BNCC é expressa como um elemento transversal nas demais disciplinas, sendo um suporte articulador entre os componentes curriculares.

Sabemos que a Filosofia está para além de um suporte articulador com as demais áreas do conhecimento. A intenção neste momento, não é de se aprofundar na discussão da BNCC e a permanência da Filosofia nos currículos escolares do ensino básico. Mas, de demonstrar como a Filosofia e o ensino de filosofia podem contribuir no processo de formação do educando da educação básica, por meio da resignificação do conceito de Filosofia no contexto social do mesmo.

Por isso, a Filosofia tida como a criação de conceitos (DELEUZE e GUATTARI, 1992). Nesta perspectiva, os filósofos Deleuze e Guattari (1992) na respectiva obra “O que é a filosofia?”, concebem que o ofício da Filosofia vai para além do campo da reflexão e contemplação, ela também abrange o campo conceitual. Para os autores supracitados não há nada mais reducionista para a Filosofia do que tomá-la como mera reflexão.

A criação de conceitos como especificidade da Filosofia e ponto de partida para uma metodologia de ensino

Para Deleuze e Guattari (1992, p. 10), a Filosofia é compreendida como “arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos”. O que os autores salientam, se mostra fora do contexto tradicional de como a Filosofia vem sendo pensada desde os gregos, ou seja, como uma espécie de contemplação. Deleuze e Guattari (1992), nos expõem que são três as potências do pensamento, a Filosofia, a Arte e a Ciência, a qual cada uma delas cria um produto distinto, sendo que a Filosofia é a criadora de definições e conceitos. No entanto, “para falar a verdade, as ciências, as artes, as filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à filosofia criar conceitos no sentido estrito” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 13).

Podemos observar que a ideia de conceito científico e de conceito como sinônimo de definição, são diferentes do entendimento de Deleuze e Guattari (1992), pois para eles, a ideia de conceito é algo diferente. O conceito existe em função de um problema, caso contrário ele não teria sentido; o conceito tem por objetivo equacionar o problema levando ao caminho da solução do mesmo. Tanto é que “o conceito descreve o acontecimento, e não a sua essência ou a coisa. É um acontecimento, uma *hecceidade*, uma entidade” (DELEUZE e GUATTARI, 1992, p. 33).

É importante também, registrar que para a criação de conceitos, faz-se necessário um plano de imanência, que abarca a problemática colocada no processo de criação do conceito, para que assim tal problemática seja respondida, ou seja, o conceito é impulsionado sempre a partir de determinados problemas.

Os conceitos são como as vagas múltiplas que se erguem e se abaixam, mas o plano de imanência é a vaga única que os enrola e os desenrola. [...] Os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos (DELEUZE; GUATTARI 1992, p. 51-52).

O que os autores querem dizer, é que conceito não é sinônimo de definição de algo. Por exemplo, o conceito de mesa; mesa é um móvel composto de um tampo horizontal. Isso é um conceito que nos leva a entender a essência da mesa, nos foi respondido o que é uma mesa, e não é esse o entendimento de conceito que esses autores querem nos passar. Para eles, o conceito é aquilo que nos possibilita sermos encaminhados para a solução de um problema, de modo que, o filósofo ao experimentar

um problema, recolha componentes presentes no seu plano e os organize de determinada maneira que, a combinação desses componentes o proporcione enfrentar tal problemática. Conceito não é uma resposta, é um caminho.

A importância da ideia de Filosofia proposta por Deleuze e Guattari (1992) está nos seus pensamentos diferenciais que possibilitam de serem utilizados como ferramenta para pensar a questão do ensino de filosofia no presente. Pois há uma espécie de mito associado a ela (a Filosofia), de que tem como característica exclusiva, a de possibilitar ao educando o pensamento crítico e a garantia de interlocução com outras disciplinas. Possibilidade essa, que também pode ser alcançada através de outras disciplinas (Sociologia, História e Geografia). Tanto para o desenvolvimento da criticidade como o exercício do diálogo interdisciplinar são pontos de extrema importância a serem desenvolvidos na vida escolar do indivíduo; e justificar a necessidade da Filosofia a partir desses pontos é um tanto quanto perigoso, pois não sendo essas suas características específicas, abre-se espaço para que levantem acusações sobre sua necessidade na escola.

Mediante o exposto, Silvio Gallo (2006, p. 20-21), salienta que,

Tem sido lugar comum justificar a presença da filosofia no ensino médio por dois vieses: para garantir o desenvolvimento da criticidade do estudante; para garantir uma interlocução entre as diversas disciplinas [...] a criticidade embora seja uma das características da filosofia, não é sua exclusividade [...] o mesmo vale para o diálogo interdisciplinar [...] eles devem estar presentes em todas as disciplinas, e não em apenas uma [...] e aí a defesa de sua importância pode facilmente converter-se em justificativa de sua incompetência, validando sua retirada definitiva do espaço escolar.

Na perspectiva de Deleuze, não há nada mais simplista para a Filosofia do que tomá-la sobre reflexão, pois "se ela mesma nada cria o que poderia fazer, senão refletir sobre? [...] De fato, o que importa é retirar do filósofo o direito à reflexão "sobre". O filósofo é criador, ele não é reflexivo" (DELEUZE, 2013, p.156).

O que Deleuze nos traz, é a ideia da criação de conceitos como característica específica da Filosofia, o que possibilita ao estudante a experiência de um pensamento conceitual. Se for verdade este pensamento, então Deleuze e Guattari (1992) nos possibilitam repensar a questão do ensino filosofia no presente.

Deleuze e Guattari (1992) não foram filósofos da educação, e o que Gallo (2003) faz é operar a partir dos conceitos de Deleuze e Guattari (1992) e os desloca para

o campo da educação, o que é bastante produtivo, visto que tais conceitos se tornam ferramentas no pensar sobre os problemas educacionais.

Para Gallo (2003, p. 64),

Desterritorializar conceitos da obra de Deleuze e de Deleuze & Guattari, para reterritorializá-los no campo da educação. Penso que essa atividade pode ser bastante interessante e produtiva (em sentido deleuzeano), na medida em que esses conceitos passam a ser dispositivos, agenciamentos, intercessores para pensar os problemas educacionais.

Fala-se sobre tempos hipermodernos, caracterizados pelo filósofo contemporâneo Gilles Lipovetsky (2004) como um ambiente de resultados imediatos e urgentes, um universo de pressa, essa caracterização, quando levada para o âmbito escolar, se dá pela perda do tempo para a leitura, para a reflexão e para o pensamento organizado.

De acordo com Lipovetsky (2004, p. 80),

No universo da pressa, dizem, o vínculo humano é substituído pela rapidez; a qualidade de vida, pela eficiência; a fruição livre de normas e de cobranças, pelo frenesi. Foram-se a ociosidade, a contemplação, o relaxamento voluptuoso: o que importa é a auto-superação, a vida em fluxo nervoso, os prazeres abstratos da onipotência proporcionados pelas intensidades aceleradas.

No entanto, Gallo (2012, p. 23), expõe que,

Exercitar o filosofar em nossos dias é, pois, uma forma de resistir a essa aceleração, a essa fluidez, a essa falta de tempo para o conceito. E exercitar o exercício da filosofia é uma forma de militar nessa resistência, ampliando-a para mais pessoas. (GALLO 2012, p. 23).

O entendimento de Gallo (2012) preocupa-se com a maneira pela qual a Filosofia vem sendo abordada na atualidade, tempos em que as informações vêm prontas para o indivíduo, que já não se vê mais na necessidade de promover para si o exercício do pensar; como pondera Deleuze (2013), citado por Gallo (2003, p. 67), "nada faremos, pela educação, se nos limitarmos a repetir velhos conceitos fora do contexto, a raspar esses ossos como cães famintos [...]".

Silvio Gallo faz duras críticas para o atual ensino de filosofia, que por muitas vezes preocupa-se apenas em ministrar um conteúdo já pronto, sem a construção de uma aprendizagem efetiva, tornando esse ensino engessado e sem construção filosófica alguma, onde o aluno irá apenas decorar conceitos já pré-estabelecidos de temáticas abordadas nas aulas.

A ideia é romper com a visão tradicional de sala de aula. Criar um ambiente de transmissão de conhecimentos para se tornar um lugar onde os alunos deixem a posição de meros expectadores para tornarem-se criadores, criadores de conceitos. Para isso, a aula de filosofia precisa ser como um laboratório, um lugar de atividades práticas (GALLO, 2006, 2012).

Numa tentativa de reverter essa desvalorização da Filosofia, partindo da afirmação de Deleuze e Guattari (1992) de que é preciso investir em uma pedagogia do conceito. Gallo (2012) propõe uma metodologia a partir da parceria entre professor e aluno, onde o conhecimento filosófico, partindo de uma postura indouta adotada pelo professor, promove o conhecimento novo.

A partir dessa perspectiva de parceria professor e aluno, pode-se dizer que as ideias de professor profeta e professor militante trabalhadas por Gallo (2003) na obra "Deleuze & a Educação" se conectam muito bem aqui, descrevendo tais professores, o professor profeta assume o papel daquele que vislumbra a possibilidade de um mundo novo, criticando o presente e, procurando a partir dessa crítica, anunciar a possibilidade de um mundo novo. Já o professor militante é aquele que procurando viver as situações e dentro delas, procura produzir a possibilidade do novo.

É visível apontar qual professor se encaixa perfeitamente na perspectiva do trabalhar em conjunto com o aluno, o professor militante, aquele que vive as misérias do mundo e dos seus alunos em prol de uma produção coletiva. Vale ressaltar que ao termo miséria, o mesmo não se limita à econômica, o mundo e os indivíduos lidam também com misérias sociais, culturais, éticas, etc. Nisso, "o professor militante seria aquele que, vivendo com os alunos o nível de miséria que esses alunos vivem, poderia, de dentro desse nível de miséria, de dentro dessas possibilidades, procurar construir coletivamente" (GALLO, 2003, p. 73).

Na obra "Deleuze & a Educação", Gallo dedica-se em parte da obra a nos alertar sobre essa esfera da arena de opiniões em que vivemos nos comparando com os gregos da época de Platão que eram dominados pela "doxa", estamos nós condenados às opiniões daqueles que "tudo sabem". Em "O que é filosofia", Deleuze e Guattari (1992) dizem que é preciso que rasguemos o firmamento que é a opinião, as fáceis certezas e mergulhemos no caos que é a multiplicidade de possibilidades, e o filósofo, ao mergulhar no caos, traz consigo o conceito, sendo essa a maneira de vencer a opinião,

pois ela não gosta da multiplicidade por estar enraizada no campo do consenso, do absoluto, para a opinião não existe o criar.

Sobre isso, Gallo (2003, p. 61-62), afirma que,

A filosofia é, pois, um esforço de luta contra a opinião, que se generaliza e nos escraviza com suas respostas apressadas e soluções fáceis, todas tendendo ao mesmo; e luta contra a opinião criando conceitos, fazendo brotar acontecimentos, dando relevo para aquilo que em nosso cotidiano muitas vezes passa despercebido.

Como já dito, os tempos hipermodernos, são esses, tempos também de opinião generalizada, o que nos leva a questionar o porquê de a opinião ser tão atrativa e porque nos agarramos a ela com tamanha força, em resposta a isso, Deleuze e Guattari (1992) afirmam que perdemos sem cessar nossas ideias. É por isso que queremos tanto agarrarmo-nos a opiniões prontas.

Em outro trabalho “A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade”, Silvio Gallo (2006), dedica-se especificamente na problematização da questão contemporânea do ensino de filosofia; ele promove alerta ao professor de filosofia referente à atenção ao seu ensino, que deve ir além da transmissão dos conteúdos históricos, pois deve também transmitir o processo da produção filosófica, o ato de filosofar, mas não deixando de lado o contexto histórico da filosofia, pois ele também se faz importante no aprendizado do ato de filosofar, assim como atentar-se à criatividade, pois ao nos atentarmos à história, devemos também negar a tradição em prol de fazer emergir o novo, permitindo que a filosofia permaneça viva e ativa.

Gallo (2006) nos aponta três principais características da filosofia: o pensamento conceitual; o caráter dialógico; e a crítica radical. Não esquecendo que é o pensamento conceitual que se apresenta como característica específica da filosofia. De modo geral, é a filosofia, uma experiência que procede por conceitos, de modo que possibilita o diálogo com outros saberes, e que não se contenta com respostas feitas.

Não podemos tomar a filosofia apenas como um conjunto de conteúdos historicamente construídos para serem transmitidos, passados de geração a geração... Assim, ensinar filosofia é ensinar o ato, o processo de filosofar [...]. Para que eles possam aprender o ato de filosofar, é preciso que conheçam a história da filosofia [...] é necessária, porém uma recusa da tradição para a emergência do novo... Precisamos do mestre, da tradição, para iniciar ao filosofar; mas também precisamos matar o mestre, negar a tradição, para continuarmos a aventura filosófica, para que a mantenhamos viva e ativa (GALLO, 2006, p. 18, 19).

Sendo a atividade de criação de conceitos a característica específica da filosofia, Gallo (2006) propõe, de maneira didática, uma forma de trabalhar essa atividade em sala de aula a partir do que ele chama de "oficina de conceitos", que se dá por quatro etapas: sensibilização; problematização; investigação; e conceituação. Tais etapas possibilitam lançar aos alunos um problema filosófico vivenciado por eles, que os levem a lidar com conceitos já criados, recriando-os, até mesmo criando seus próprios conceitos.

Na etapa de sensibilização, é o momento da escolha do tema a ser trabalhado, devendo ser um tema vivenciado pelos alunos, um tema que os afete. “Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos; é preciso, para que eles possam fazer o movimento do conceito, que o problema seja vivido como um problema para eles. Daí a necessidade da sensibilização” (GALLO, 2012, p. 96).

Na problematização, converte-se o tema escolhido em um problema; nessa etapa, há o estímulo do sentido crítico e problematizador da filosofia, instigando no aluno, o desejo pela busca de soluções.

Nessa etapa, estimulamos o sentido crítico e problematizador da filosofia, exercitamos seu caráter de pergunta, de questionamento, de interrogação. Desenvolvemos também a desconfiança em relação às afirmações muito taxativas, em relação às certezas prontas e as opiniões cristalizadas (GALLO, 2012, p. 97).

Na investigação, buscam-se os elementos que sirvam de ferramentas para solucionar o problema, através de uma investigação filosófica, recorre-se a conceitos na história da filosofia que auxiliem nesse processo, ou seja,

Nessa etapa da investigação, revisitamos a história da filosofia. Ela não é tomada como o centro do currículo, mas como um recurso necessário para pensar o nosso próprio tempo, nossos próprios problemas (GALLO, 2012, p. 97).

Por fim, na conceituação é o momento que ocorre o "movimento filosófico", a criação do conceito; aqui os conceitos encontrados ao longo de toda a oficina são recriados, ou até mesmo, criam-se novos conceitos que conduzam os alunos a solução do problema.

Segundo Silvio Gallo (2012, p. 97-98),

Trata-se agora de recriar os conceitos encontrados, de modo a equacionarem nosso problema, ou mesmo de criar novos conceitos [...] Aqui, nessa etapa final, trata-se de fazer o movimento filosófico propriamente dito, isto é, a criação do conceito [...] Que fique claro

então que a criação (ou recriação) do conceito não é uma tarefa impossível: não se cria no vazio, com base em nada; são os próprios conceitos, da história da filosofia ou seus elementos constitutivos que nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema.

A ideia é que cada aluno possa construir conceitos, devendo nas aulas de filosofia ser um filósofo, dado que a filosofia é uma atividade criadora, não pode contar com uma postura passiva dos alunos, precisando ela assumir um papel narrativo onde os conceitos são meramente transmitidos para serem posteriormente assimilados.

Proposta metodológica

Ao propor uma aula de filosofia baseada na metodologia de Silvio Gallo (2012), trabalhada sob a ótica das quatro etapas da Oficina de Conceitos, tem-se por intenção apenas apresentar uma possibilidade de aplicação de uma aula que se acredita condizer com o que foi apresentado anteriormente neste trabalho sobre os recursos propostos. Supõe-se uma turma do Ensino Médio, escola pública, brasileira, cerca de 40 alunos por sala, tempo de aula de 40 minutos, e apenas um tempo por semana disposta para o ensino de filosofia, a escola dispõe de equipamentos básicos que se acredita ser suficientes para suprir as necessidades de aplicação das aulas, lousa, pinceis de lousa, sala refrigerada e projetor de imagem.

Dada a narrativa do ambiente, a aula se daria seguinte maneira:

- Será tomada como temática principal o “Amor”, tema que poderá abrir discussões para o campo da ética, felicidade e valores. Na primeira etapa, a sensibilização, o professor apresentaria pelo projetor de imagem uma animação legendada da música “The Origin Of Love” do musical Hedwig And Angry Inch estreado em 1998, um clipe com duração aproximada de 5 minutos que pode ser facilmente encontrado no Youtube, que conta a história do mito da origem do amor narrado por Aristófanos na obra “O Banquete” de Platão. Levando em consideração que o professor está lidando com estudantes do ensino médio que tem uma faixa de idade que variam do pré-adolescente ao adulto, esse é um clipe que despertaria muito a atenção deles, pois, além de ser um recurso que fala a linguagem desses estudantes, também trata de um assunto que estaria sendo vivenciado como algo ainda “carente?”

de muitas discussões, o que possivelmente, gerariam calorosos diálogos em sala de aula.

O contexto do mito é o seguinte:

- O mito de andrógino, como é chamado essa narrativa sobre a origem do amor, conta que nossa forma corpórea era diferente, éramos duplos de nós mesmos, redondos com quatro braços, quatro pernas e uma cabeça com dois rostos contrários um ao outro, nessa época possuíamos três sexos, o masculino/masculino, o feminino/feminino e o andrógino masculino/feminino, éramos perfeitos, e ao desafiarmos os deuses, provocando a fúria deles, fizemos com que Zeus decidisse por nos partir ao meio no intuito de nos tornarmos mais humildes. A questão da origem do amor se coloca no momento em que fomos partidos ao meio, até então, não conhecíamos o amor, pois éramos perfeitos, essa divisão de corpos nos tornou incompletos e sedentos por nos unirmos novamente com a nossa metade.

Após explicar de maneira sucinta o mito aos estudantes e como a origem do amor se dá no aspecto de procura pela metade que nos foi tirada, o professor poderia propor, dependendo da disposição do tempo restante de aula, a leitura completa do discurso de Aristófanes ou de um trecho específico de sua fala que expressasse de modo conclusivo a fala do mesmo:

Assim, é de muito tempo atrás que o amor de um pelo outro tem sido inato entre os seres humanos. É um amor restaurador de nossa antiga anatomia, ao mesmo tempo em que tenta fazer uno o que é duplo e curar a natureza humana. Cada um de nós é, portanto, uma peça partida de um ser humano, uma vez que cada um de nós foi cortado como as partes dos peixes que são talhadas ao meio: uma metade de um todo. Cada peça partida está constantemente procurando, portanto, sua outra metade (PLATÃO. *O Banquete*, 191d).

Supondo que a aula se estenderá para a semana seguinte, pois deve-se considerar o tempo gasto pelo professor antes do início da aula para conseguir se organizar em sala, conseguir a atenção dos alunos e iniciar a chamada das presenças dos mesmos, o professor poderia pedir para que os alunos, sem se identificarem, escrevessem muito brevemente o que eles concebem por amor e entregassem a ele.

Na aula seguinte, o professor poderia brevemente sortear alguns dos papéis dados pelos alunos e ler em voz alta, dando espaço para que eles possam dar suas opiniões se concordam ou não com o que foi lido, para enfim o professor adentrar na segunda etapa da Oficina de Conceitos, a problemática, lançando os seguintes problemas: O que é o amor? No mundo em que vivemos as pessoas demonstram amor entre as outras? No mundo há sempre amor? Os alunos, sensibilizados pelo clipe sobre o mito que narra a origem do amor, e após a breve discussão em sala sobre os conceitos de amor lidos pelo professor em sala poderão seguir para a terceira etapa, a investigação, onde serão orientados a mergulhar na história da filosofia para buscar elementos que os auxiliem a pensar nas problemáticas apresentadas.

O professor pode trabalhar três tipos de amor, o amor EROS, o amor PHILIA e o amor ÁGAPE, explicando brevemente sobre eles. O amor EROS, o amor como desejo, trabalhado por Platão e muito presente na obra “O Banquete”, propõe que nós amamos o que desejamos e quando conseguimos o que desejamos já não amamos mais. O amor como PHILIA, presente em Aristóteles, propõe um amor que se aproxima ao de uma amizade profunda, ao contrário do que defende Platão, para Aristóteles o amor é a alegria pelo que já temos. E o amor ÁGAPE, presente na tradição cristã, propõe o amor pelo próximo, benevolente em que encontramos satisfação em alegrar o próximo sem esperar nada em troca.

O interessante seria o professor fazer a leitura de breves citações de filósofos ao longo da história que compartilham de concepções de amor próximas às apresentadas pelo professor como a de Baruch Espinosa que concebe um amor próximo do amor PHILIA e Santo Agostinho e Kant que concebem um amor como o ÁGAPE e também de concepções diferentes e até questões históricas sobre o amor, a exemplo da ideia de amor no casamento que só veio se fortalecer a partir do século XIX.

Todo esse caminho anteriormente percorrido deve estar aberto para que em qualquer momento o aluno peça a fala para expressar suas dúvidas e colocações sobre o que se está sendo trabalhado em sala. Com as possibilidades de conhecer perspectivas da história da filosofia e com os acessos aos textos filosóficos e obtendo diferentes conceitos que possibilitam enfrentar as problemáticas propostas, o estudante pode então adentrar na quarta e última etapa da Oficina de Conceitos, a conceituação.

O que realmente importa nessa etapa é que o aluno possua suportes suficientes para enfrentar o problema apresentado na segunda etapa, de modo a avaliar se algum

dos filósofos trabalhados possam, através dos seus conceitos, dar esse suporte, de modo que o aluno que conseguir pensar o problema a partir da aplicação do conceito de determinado filósofo, estará esse aluno conceituando.

Conforme, Silvio Gallo (2012, p. 104), afirma que:

Ele não precisa criar um novo conceito. Basta apropriar-se de conceitos já criados. Mas isso não significa que não possa acontecer de um ou vários alunos serem capazes de conceituar por si mesmos, construindo novos conceitos para enfrentar o problema de outras maneiras.

Filosofia é diferença e também resistência, pois difere e resiste à opinião, pode-se dizer que hoje a opinião é a coisa mais difundida entre as pessoas, e o filósofo, quando adentra em uma discussão tem que lidar com uma infinidade de “eu acho [...]”, “na minha opinião [...]”, devendo ele, ao conhecer os mecanismos de defesa adequados, produzir o exercício da resistência.

O filósofo, ao tentar inserir esse contexto de resistência, de diferença nas escolas, encontra muitos obstáculos, a presença do professor de filosofia em si, nas escolas já é uma grande dificuldade, levando em consideração os golpes recebidos pela filosofia ao longo dos tempos e até mesmo os preconceitos por ela sofridos, sendo questionada de sua presença no currículo escolar básico, oscilando como componente escolar desse nível de ensino. No intuito de enfrentar as dificuldades do ensino de filosofia como uma atividade viva e criativa nas escolas. Por isso, Silvio Gallo (2012) apresenta três desafios que ele considera como fundamentais para a geração de novos conceitos.

O primeiro desafio é tomar a filosofia como uma luta contra a opinião, que se apresenta como uma forma de vencer o caos, no entanto, a opinião não vence o caos, mas foge dele. O que a filosofia possibilita, é rasgar o caos, nos ensinando a conviver com ele e recusando a opinião que impede o processo de criação.

E assim se consolida, num jogo de esquecimento do caos, como se vivêssemos felizes, por não saber – ou não querer saber – de sua existência, uma vez que construímos um mundinho perfeito, onde tudo tem seu lugar. Daí a importância que adquirem em nossa sociedade, nos mais distintos níveis, os chamados “formadores de opinião”; são eles os artífices dessa droga que se distribui[...] e nos aprisiona nesse jogo (GALLO, 2012, p. 157).

O segundo desafio propõe o diálogo da filosofia com os demais saberes de maneira criativa, na perspectiva da transversalidade como característica intrínseca da filosofia, fazendo do conceito um empreendimento de abertura e relação.

A filosofia não se fecha em si mesma, enimesmada, mas abre-se sempre a outrem, busca a relação. É isso que entendo por transversalidade da filosofia; essa conexão com outros saberes (GALLO, 2012, p. 159).

O terceiro desafio consiste em trabalhar de maneira filosófica o ensino de filosofia, mais especificamente sob o aspecto da “pedagogia do conceito” citada por Deleuze e Guattari, revitalizando a filosofia e possibilitando a ela dinamismo, podendo ser criada e recriada. “Devemos aprender a trabalhar com o conceito, devemos ser aprendizes e artesãos no ofício filosófico” (GALLO, 2012, p. 160). A filosofia deve ir além da perspectiva de instrumento profissionalizante para o mercado, devendo ser o ensino de filosofia, filosófico, um problema genuíno da filosofia.

O preocupar-se com o ensino de filosofia e sua transformação em problema filosófico

Alejandro Cerletti no livro "O ensino de filosofia como problema filosófico", define o ensino de filosofia como "basicamente uma construção subjetiva, apoiada em uma série de elementos objetivos e conjunturais" (CERLETTI, 2009, p. 8).

A ideia é que o professor ensine filosofia de acordo com a sua concepção de filosofia, e a partir de suas referências filosóficas e pedagógicas deve construir seu método de ensino, logo, não há um único método eficaz de ensinar filosofia, pois se faz necessário avaliar o contexto em que a construção desse ensino está inserida. O professor comprometido e capaz de promover o conhecimento a partir dessa análise de contexto é o ideal de professor, pois proporciona o deslocamento do campo da simples transmissão de pensamentos historicamente construídos para os conteúdos filosóficos e o contexto social dos alunos. Pois se ao atribuirmos ao ensino de filosofia a função de mera transmissão de conhecimentos filosóficos, não chegaremos à resposta do que realmente é o ensino de filosofia.

Neste contexto, para Silvio Gallo (2006, p. 18),

Não podemos tomar a filosofia apenas como um conjunto de conteúdos historicamente construídos para serem transmitidos,

passados de geração a geração. Se a filosofia continua viva e ativa, é porque tem sido transmitido às novas gerações também o processo da produção filosófica.

Pois, se assumirmos essa ideia de ensino de filosofia como mera transmissão de pensamentos, estaremos admitindo um papel somente conteudista da filosofia, pois, de acordo com Cerletti (2009), a Filosofia se apoia na inquietude pelo desejo de saber, estando sua prática no perguntar constante e na busca pelas respostas a essas perguntas, estando o ensino de filosofia vinculado a esse entendimento.

Porém, o processo de institucionalização ocorrido nas escolas, os professores perderam a autonomia para ensinar filosofia, deixando de lado o ensino a partir das suas concepções filosóficas para ensinar a partir de conteúdos pré-estabelecidos por currículos oficiais, para Gallo (2006, p. 21) "instrumentalizá-la numa política educacional pode significar, pois sua própria morte".

Essa institucionalização das escolas e perda de autonomia para ensinar filosofia é para Cerletti (2009), o fator resultante de desinteresse dos professores quanto ao seu ensino, pois tomam para si funções simplistas, obedecendo a definições curriculares oficiais. Cerletti e Gallo também compartilham da mesma opinião sobre a característica de um questionamento filosófico, em que o mesmo deve ter a investigação como base, assim como lutar contra a opinião, contra a mera reflexão "sobre".

No entendimento de Cerletti (2009), o professor ou professora (filósofo ou filósofa) recria sua didática a partir do contexto em que deve ensinar, pois nem todos compartilham dos mesmos problemas ao ensinar filosofia, isso possibilita interpretar que há do autor, a valorização do processo de sensibilização na prática do ensino de filosofia, a partir da ideia de que nenhum filósofo cria seus problemas do nada e sim a partir do contexto em que está inserido, o que faz com que haja significação na busca de respostas a esses problemas.

Encontram-se dificuldades em conciliar os conhecimentos filosóficos produzidos ao longo da história com o trabalho do constante perguntar filosófico. Para isso, propõe-se a ideia de criação e recriação, ou seja, tomar esses questionamentos feitos no passado, adicionando neles nossas particularidades, trazendo-os para a atualidade de modo a fugir da repetição, devendo ser essa prática criativa, pois se pensarmos a partir do ensino tradicional, estaremos impedindo o aluno de pensar o novo, de promover esse movimento de criação e recriação; e como diz Gallo (2006) em seus alertas ao professor de filosofia, precisamos "negar a tradição, para continuarmos a

aventura filosófica” (GALLO, 2006, p.19), mas sem negar sua importância, anterior a isso também diz que precisamos “da tradição, para iniciar ao filosofar” (GALLO, 2006, p. 18).

Cerletti (2009) considera essencial o amor pela sabedoria, mas entende que isso é impossível de se ensinar, por isso, o professor deve provocar no aluno a inquietação pelo saber, tarefa essa também não muito simples, por envolver o desejo pelo ensinar filosofia, pois ao adentrarmos na educação institucionalizada, devemos estar cientes dos obstáculos que iremos encontrar naqueles que irão questionar sobre a utilidade do ensino de filosofia nas escolas. Cerletti defende que a filosofia é inútil para fins imediatos, pois ao submeter-se a isso faz dela produtora de respostas triviais e inúteis, devendo haver um lugar e momento para que possamos pensar o mundo e como nos situarmos nele.

O ensino de filosofia começa a construir-se como um problema filosófico a partir da preocupação de se ensinar filosofia, devendo esse problema estar presente nas orientações didáticas relativas a ele, Cerletti (2009), diz que o professor deve antes de iniciar o processo de ensino de filosofia, ter para si a sua concepção de filosofia, mas sem ignorar as demais concepções.

Cerletti (2009) e Gallo (2006) convergem em diversos aspectos de suas ideias referentes à filosofia e seu ensino, mas também divergem em várias outras concepções. Ambos concebem o ensino de filosofia como um problema filosófico e os professores devem, antes de começarem a ensinar filosofia, ter suas próprias concepções a respeito do que ela representa pra si. Suas discordâncias começam justamente nas suas concepções de filosofia, enquanto para Cerletti (2009), a filosofia é um processo de experimentação de problemas e busca de respostas a eles, para Gallo (2006), a filosofia consiste na criação de conceitos. Apesar de ambos defenderem a ideia de que a filosofia trabalha com conceitos, somente Gallo (2006), coloca o conceito como objetivo principal em sua metodologia.

Considerações finais

A partir de leituras de obras de diversos autores, com o propósito de responder às questões levantadas a respeito de problemas relacionados à Filosofia e seu ensino, deve-se considerar que há uma variedade de concepções a respeito da filosofia, e de

suas metodologias de ensino, devendo estas serem levadas em consideração ao ensinar filosofia.

Ao trabalhar com a Filosofia no aspecto de criação de conceitos e em uma metodologia baseada na mesma, é possível perceber sua importância na vida escolar do estudante, porque se apresenta como uma constante resistência à opinião e pode ser muito bem trabalhada como metodologia em sala de aula, pois foge do campo de simples transmissora de conhecimentos já anteriormente construídos e que serão passados repetidamente por gerações, possibilitando ao estudante entrar em contato com a construção do ato de filosofar.

É fato que há inúmeros obstáculos enfrentados pelo professor ao tentar promover um ensino de filosofia ativo e criativo, sejam os conteúdos pré-estabelecidos por currículos oficiais, tempo de aula, estrutura física da escola, realidade social em que os estudantes estão inseridos, e demais obstáculos. Cabe ao professor compreender o contexto escolar em que está inserido, enfrentando da melhor maneira possível aos obstáculos encontrados ao longo do árduo caminho de ensinar filosofia, porque ela é sim, provedora de reflexão, de contemplação, mas acima de tudo, ela é ação, é criadora de conceitos.

Referências bibliográficas

BNCC. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 de jun. 2021.

CERLETTI, A. *O ensino de filosofia como problema filosófico*. Tradução Ingrid Muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DELEUZE, G. *Conversações*. Tradução Peter Pál Pelbart. 3. Ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a Filosofia?*. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

GALLO, S. *A Filosofia e seu Ensino: Conceito e Transversalidade*. ETHICA, Rio de Janeiro, v.13, n. 1, p. 17-35, 2006.

GALLO, S. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, S. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ARAGÃO, A.C.F.V.; NETO, J. B.; MENEZES, R. O.

Ensino de filosofia: a resignificação conceitual filosófica no contexto social do educando

LDBEN. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.* Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 22 de jun. 2021.

LIPOVETSKY, G. *Os tempos hipermodernos.* Tradução Márcio Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

PLATÃO. *O Banquete.* Tradução Anderson de Paula Borges. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SANTOS, R. *Filosofia do ensino de filosofia: propostas metodológicas para o ensino de Filosofia* [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2017.

WILLHSOUSA. Origin of Love – Legendado em Português BR. Youtube, 21-06-2012. Disponível em: <https://youtu.be/YRMZ7MU4ERs>. Acesso em: 25 de jun. 2021.